

**A INVENÇÃO DO “HERÓDOTO” DOS TRÓPICOS:
AS BIOGRAFIAS DE FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN
E A ESCRITA DA HISTÓRIA DO BRASIL (1878-1978)**

Renilson Rosa Ribeiro*

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações sobre o historiador-diplomata Francisco Adolfo de Varnhagen, o visconde de Porto Seguro (1816-1878), produzidas pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) ou a ele de alguma forma vinculados, através de textos biográficos (necrológicos, memórias, ensaios bibliográficos, prefácios, biografias entre outros) nas páginas da sua *Revista*, jornais e livros entre os anos de 1878, data de seu falecimento, e 1978, momento da comemoração do centenário de sua morte.

Em outras palavras, pretende-se neste ensaio desenvolver um estudo sobre apropriações feitas pelo IHGB da figura de Varnhagen na construção de uma tradição historiográfica brasileira, tendo o grêmio como principal protagonista. Biografá-lo era forma de arrogar para si um lugar de produção na história da História do Brasil, legitimando a importância do IHGB como marco fundador de uma prática historiográfica e também de uma história ensinada nos bancos escolares.¹

Nos textos biográficos produzidos sobre a vida e obra de Varnhagen entre 1878 e 1978 encontramos, por exemplo, adjetivações como “O escrupuloso iluminador da história do Brasil”, “Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade”, “Um exemplar precioso (...) da raça, do meio e do momento”, “O operoso iniciador da Historiografia brasileira”, “(...) grande exemplo a seguir e a venerar”, “(...) um trabalhador formidável, de operosidade ainda não excedida por nenhum brasileiro”, “Pai da História do Brasil” entre outros – afirmações que, a partir da ótica do IHGB, construíram e legitimaram o seu lugar na trajetória da historiografia brasileira como marco fundador.

Ao salientar a força da herança de Varnhagen, os seus sócios também faziam uma defesa da memória e do pioneirismo da agremiação. Com este intuito, essas narrativas procuraram estabelecer um sentido, uma lógica, uma consistência e uma constância por meio do estabelecimento de relações, colhendo fragmentos para o desenho de um retrato do morto Varnhagen, o historiador-monumento. Ele não mais se configuraria como sujeito, mas sim

* Professor do Departamento de História e Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: rrenilson@yahoo.com



objeto dos discursos que o fabricaram. Varnhagen passa a ser uma invenção, o discurso de uma causa, de um projeto, dos poderes instituídos. Segundo Walter Benjamin,

é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso –, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor. (BENJAMIN, 1987, p. 208)

Ao longo do primeiro século de seu falecimento, Varnhagen tornou-se objeto de diversos tipos de textos de teor biográfico nas páginas da *Revista* do IHGB, de jornais e de livros, publicados em sua maioria por sócios do grêmio ou a ele próximos. A análise desses textos, produzidos em diferentes épocas, permite a compreensão da construção de uma memória sobre o visconde de Porto Seguro, identificando a recorrência de determinadas imagens, temas e curiosidades referentes à sua vida e obra.

A prática de tal exercício memorialístico estabeleceu um arranjo cronológico do fio da sua existência, consolidou uma série de características de sua personalidade e forjou um perfil, um retrato, procurando vislumbrar a verdadeira face do biografado – transformado em historiador-símbolo do IHGB e patrono da história do Brasil. Apresentar Varnhagen como símbolo de historiador para a nação era uma forma também de marcar as posições políticas e ideológicas do IHGB: como a defesa da história-verdade, a obsessão pelo documento, a busca obstinada pelas origens e, em determinados discursos, uma visão conservadora, moralista e etnocêntrica de escrita da história do Brasil.

Não raras vezes os seus biógrafos, com exceção, por exemplo, de Capistrano de Abreu e Oliveira Lima, suavizavam ou silenciavam diante das concepções e posicionamentos comprometedores do visconde de Porto Seguro. Nesta perspectiva, as festas biográficas têm muito a dizer não só sobre o autor da *Historia geral do Brazil*, mas também do lugar que lhe conferiu autoridade.

Os principais textos biográficos encontrados na *Revista* do IHGB neste período estão intimamente relacionados com finalidades comemorativas. Após a sessão de 5 de julho de 1878, a primeira realizada depois da morte de Varnhagen, encerrada em sua homenagem, a *Revista* publicou o discurso do orador Joaquim Manuel de Macedo, apresentado na Sessão Magna Aniversária de 15 de dezembro do mesmo ano, no qual se fazia o necrológio do “escrupuloso iluminador da historia do Brasil” (MACEDO, 1878, p. 471-472).

Neste necrológio, o autor de *A Moreninha* fez uma longa retrospectiva daqueles que se dedicaram à história do Brasil, remontando aos cronistas do período colonial, passando pelas obras de Sebastião da Rocha Pitta e Robert Southey, até o nascimento do IHGB e o aparecimento de Varnhagen, fruto de seu projeto de construção da memória nacional.

Sem deixar de apontar e observar algumas limitações de estilo e gênio do homenageado, Macedo consagrou-lhe páginas memoráveis, constantemente relembradas pelos seus biógrafos posteriormente.

Varnhagen não destronou Rocha Pitta, nem anulou Southey, que ficaram inabaláveis na grandeza de suas obras, medidas pelas proporções possíveis dos conhecimentos históricos do Brasil nos tempos em que um e outro escreveram; mas, não lhes disputando a palma da glória cronológica, excedeu-os muito em verificação de factos e de datas, em esclarecimentos documentados, a espantar dúvidas e escuras nuvens de história, além de avançar não pouco em informações e juízos sobre cousas de época mais recente. Varnhagen assumiu por isso o elevado grão de primeiro historiador do Brasil até os nossos tempos, e basta isso para a glorificação do seu nome e para a perpetuidade honorífica de sua memória. (MACEDO, 1878, p. 487)

Cabe destacar que entre os dias 16 e 20 do referido mês, o futuro consócio e historiador cearense Capistrano de Abreu consagrou ao “destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade” dois artigos necrológicos no *Jornal do Commercio*. Outros três artigos de apreciação crítica de sua obra foram publicados pelo historiador cearense, quando foi erigido o monumento do Ipanema em memória de Varnhagen, na *Gazeta de Noticias* de 21, 22 e 23 de novembro de 1882.

Para o jovem Capistrano de Abreu, no famoso necrológio, a morte de Varnhagen era um golpe nas pesquisas históricas no Brasil, uma vez que este era uma referência de peso. Em tom solene logo no primeiro parágrafo, sentenciava que a nação estava de luto por aquela perda:

A pátria traja de luto pela morte de seu historiador, - morte irreparável, pois que a constância, o fervor e o desinteresse que o caracterizavam dificilmente se hão-de ver reunidos no mesmo indivíduo; morte imprevista, porque a energia com que acabara a reimpressão de sua História, o vigor com que continuava novas empresas, a confiança com que arquitetava novos planos, embebeciam numa doce esperança de que só mais tarde nos seria roubado, depois de por algum tempo gozar do descanso a que lhe dava direito meio século de estudos e trabalhos nunca interrompidos. (ABREU, 1975, p. 82)

Os méritos como garimpeiro de documentos em arquivos do historiador-modelo Varnhagen foram repetidas vezes destacados ao longo do necrológio, bem como sua

capacidade de sistematizar a ordem e os enredos temáticos da história do Brasil. O visconde de Porto Seguro, por meio desta oblação, emergia como a verdadeira essência do historiador.

A obra do “filho nobre da Província de São Paulo” tornar-se-ia fonte de inspiração, crítica e superação (até mesmo de obsessão) para Capistrano de Abreu ao longo de sua atividade intelectual, fazendo leituras, verificações, correções e anotações na *Historia geral do Brazil* entre outros textos (Cf. PEREIRA, 2002; GONTIJO, 2006). O desejo de superar os “quadros de ferro”, forjados por Varnhagen, e criar uma história do Brasil “a grandes traços e largas malhas” seria uma marca permanente da sua produção, tomando conta da sua vasta e rica correspondência com interlocutores amigos da elite intelectual brasileira do final do século XIX e início do XX.

Já em seu artigo *Sobre o Visconde de Porto Seguro*, o historiador cearense aventava a possibilidade, ou melhor, a urgência da escrita da História do Brasil, apesar dos esforços e méritos de Varnhagen. A nova história deveria ser feita com base nos progressos da ciência, trazendo uma nova ferramenta teórica como a sociologia de August Comte e Herbert Spencer. Para Capistrano de Abreu, carecia de estilo e visão de conjunto na sua *Historia geral do Brazil*.

Em síntese, Varnhagen não tinha feito ciência, embora tivesse recolhido os elementos necessários para fazê-la. Para Capistrano de Abreu, somente um historiador que tivesse pleno domínio do instrumental científico seria capaz de superar os “quadros de ferro” de Varnhagen, presentes também nas *Lições de História do Brasil*, de Joaquim Manuel de Macedo, manual escolar adotado no Colégio Pedro II. O pêndulo da crítica à obra do visconde de Porto Seguro oscilava ente o amor e ódio, a admiração e a superação.

As homenagens e celebrações ao dito “destemido bandeirante” não ficaram restritas à época de seu falecimento. Sob a constelação da era republicana, Oliveira Lima, diplomata e sócio do IHGB, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras no ano de 1903, elegeu para padroeiro da cadeira que ia ocupar, a de número 39, o visconde de Porto Seguro. Nesta peça oratória, publicada posteriormente na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, Oliveira Lima realizou uma avaliação da figura e da obra do “exemplar precioso (...) da raça, do meio e do momento”, começando pela lembrança do momento de sua descoberta, que teria acontecido num contexto específico de pesquisa historiográfica na juventude – a vivência de arquivo (LIMA, 1908, p. 63-64).

No momento de sua consagração como escritor aceito pelos pares, reconhecido pela imprensa e inserido na burocracia do Estado como diplomata, Oliveira Lima evocou em seu discurso a memória de Varnhagen como um tributo e uma arma política, uma vez que vinha

enfrentando contendas com o recém-empossado ministro das Relações Exteriores, José Maria da Silva Paranhos Junior, o Barão de Rio Branco. O elogio de Varnhagen, além de reflexão sobre a história, constituiu-se em escrito político com endereços certos, transformando-se em referência para todos que se aventuraram a fazer a biografia do autor da *Historia geral do Brazil*.

No dia 17 de fevereiro de 1916, ano do centenário do nascimento de Varnhagen, o IHGB promoveu sessão solene especial comemorativa, tendo como conferencista o sócio doutor Pedro Lessa, jurista e membro da Academia Brasileira de Letras, que apresentou uma análise das qualidades do “operoso iniciador da Historiografia brasileira”. Dentre os méritos lembrados, destacou-se mais uma vez a sua obstinada busca documental, como se houvesse algum historiador que não fizesse uso de fontes para a escrita da história nesse período:

Especialmente em Lisboa, Madrid, Haya, Amsterdam, Vienna e Londres, dispôs de lazeres para frequentar bibliothecas, archivos e museus, consultando livros, mappas, autographos, inscripções, medalhas, moedas, gravuras, pinturas e todas especie de documentos. (LESSA, 1917, p. 614-615).

Em 1923, foi fundada na cidade do Rio de Janeiro, de duração efêmera, o Instituto Varnhagen, cuja sessão de instalação contou com o pronunciamento do professor e autor de manuais escolares José Francisco da Rocha Pombo, presidente-perpétuo da referida sociedade. Nesta solenidade, foi realizada a conferência intitulada *Varnhagen: o homem e a obra*, no Gabinete Português de Leitura, do acadêmico Celso Vieira, historiador e membro da Academia Brasileira de Letras.

Ao analisar a interpretação histórica brasileira no século XIX, o conferencista identificou na solidez, decoro e clareza da obra de Varnhagen a preocupação com a questão da unidade. Os seus méritos como historiador de seu tempo estavam na sua crença “na fortaleza, na predestinação, na suprema logica do Brasil unitário, compacto, gigantesco, infinito pelos seus atributos, mas indivisível como a substância” (VIEIRA, 1923, p. 93). Outra vez era produzida uma monumentalidade discursiva para o patrono da história, reforçando a interpretação do IHGB.

Na esteira das celebrações em torno de sua figura, em 29 de junho de 1928, o IHGB promoveu a sessão comemorativa do cinquentenário de falecimento do visconde de Porto Seguro, tendo o professor e folclorista Basílio de Magalhães como o conferencista (MAGALHÃES, 1928, p. 890-975). No mesmo dia, o consócio Rodolfo Garcia, renomado historiador e profundo conhecedor da obra do sorocabano, publicou artigo no *Jornal do Brasil*

contendo a mais completa resenha bibliográfica à época. O referido texto foi publicado como apenso na 3ª edição integral, anotada por Rodolfo Garcia, da *Historia geral do Brazil* (GARCIA, 1928, p. 436-452).

Esses textos biográficos, fazendo coro à conferência de Pedro Lessa, vieram corroborar as imagens instituídas pelo IHGB do “grande exemplo a seguir e a venerar” da história da história do Brasil. Além dos discursos celebrativos, uma das salas do IHGB foi batizada com o nome de Sala Varnhagen, e lá foi posto o seu retrato desenhado a lápis por Rodolpho Amoedo.

Em meio aos festejos do centenário de fundação do grêmio, em outubro de 1938 – já sob a tutela e patrocínio do governo de Getúlio Vargas – Varnhagen foi homenageado no Jardim da Glória com uma herma em bronze, obra de Oswaldo Corrêa Lima, sobre um pedestal de granito, cuja base a musa Clio lhe prestaria vassalagem (LESSA, 1954, p. 295).

Na criação destes lugares de memória para o culto à figura de Varnhagen, nota-se a prática da agremiação em dar materialidade por meio de estátuas, pinturas e espaços ao seu legado. Estes espaços seriam uma espécie de templo de devoção de uma santidade, de alguém que sobrepunha a sua própria humanidade. Os monumentos e os rituais, ao lado das biografias, eram como

um local privilegiado de afirmação de um individualismo da singularidade. E a singularidade, no caso, supunha uma desigualdade tida por natural que separava os grandes heróis da própria humanidade. Eles eram super-homens, naturalmente predestinados a cumprir um papel na história. (GONÇALVES, 2000, p. 152).

A *Revista* do IHGB, neste mesmo ano, publicou novamente a *História da Independência do Brasil*, de autoria de Varnhagen. Em 1916, o referido projeto de conferência e coordenação dos originais, iniciado primeiramente pelo seu presidente Barão do Rio Branco, ficou a cargo de uma comissão formada pelos consócios Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Basílio de Magalhães, Pedro Lessa, Max Fleiuss e José Vieira Fazenda (MAGALHÃES, 1938, p. 05-21).

Entre 1954 e 1955, vieram à luz nas páginas da *Revista* do IHGB os originais do estudo de enorme fôlego sobre Varnhagen, do consócio Clado Ribeiro de Lessa, fruto de ampla pesquisa documental em arquivos (LESSA, 1954, vol. 223, p. 82-297; LESSA, 1954, vol. 224, p. 109-315; LESSA, 1954, vol. 225, p. 120-293; LESSA, 1955, vol. 226, p. 03-168; LESSA, 1955, vol. 227, p. 85-236). Nessa volumosa bio-bibliografia, distribuída nos cinco volumes seguintes da *Revista*, o biógrafo procurou explorar as várias faces do visconde de Porto Seguro – historiador, etnógrafo, crítico literário, diplomata, estadista, polemista.

Em busca da verdade íntima de Varnhagen, Clado Lessa fez uso das suas correspondências ativas e passivas, textos de sua autoria publicados na *Revista* do IHGB, comentários e resenhas acerca de sua obra feitas pelos seus contemporâneos, além de sua vasta produção bibliográfica. Ao retratar as várias faces do biografado, o autor procurou dar conta de totalidade de sua existência, transformando essas partes num todo, o autêntico Varnhagen – “Pai da História do Brasil”, criando as conexões entre o começo, o meio e fim da vida, atribuindo coerência, justificando ações, antecipando visões.

Em síntese, em muitos momentos, ele advogava incondicionalmente em defesa tanto da obra quanto das posições ideológicas assumidas pelo seu biografado.

Atitude semelhante pode ser percebida, por exemplo, no ensaio bio-bibliográfico do conterrâneo de Varnhagen, o historiador sorocabano Renato Sêneca Fleury, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), publicado anteriormente em 1952. Para ele, a biografia seria um importante instrumento para se combater o esquecimento daqueles que contribuíram para a construção da nação: “sempre havidas como leituras edificantes, graças às lições amenas, que proporcionam através dos exemplos de virtude que devem guiar as gerações” (FLEURY, 1952, p. 03). A defesa da memória do “grande historiador brasileiro “natural de Sorocaba”” tornou-se o seu cavalo de batalha, exigindo a escrita do pequeno livro.

Quando da publicação da 7ª edição integral da *Historia geral do Brazil*, incluindo a 5ª edição da *História da Independência do Brasil*, comprimida em três volumes pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, em fins de 1962, o jornalista e historiador mineiro Hélio Vianna escreveu para o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, uma série de artigos bibliográficos sobre o visconde de Porto Seguro. Este conjunto de textos foi revisto e unificado pelo autor e inseridos na *Revista* do IHGB, em 1964, com o título *Singularidade de um historiador* (VIANNA, in: VARNHAGEN, 1962, p. 354-372).

Fazendo menção aos trabalhos de Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Clado Lessa, Vianna teceu elogios e análises acerca das singularidades de Varnhagen e sua obra principal, considerada a “nossa maior e melhor História relativa a todo o período colonial, ao Brasil-Reino e ao período da Independência, até seu reconhecimento por Portugal, em 1825” (VIANNA, in: VARNHAGEN, 1962, p. 354-355). Sem adentrar diretamente para os meandros da biografia, o autor procurou destacar as marcas pessoais curiosas de Varnhagen presentes na *Historia geral do Brazil* e *História da Independência do Brasil*, pela primeira vez reunidas. Destacar essas “singularidades”, em sua opinião, em nada diminuiria “o seu extraordinário mérito como perene monumento de nossas letras históricas”.

Algumas das singularidades apontadas por Vianna refletiam, entre outros temas, sobre as paixões e posicionamentos ideológicos de Varnhagen, sempre acompanhadas com as citações extraídas de seus livros.

O nome do visconde de Porto Seguro voltou a ocupar as páginas de *Revista* do IHGB em 1966, ano da comemoração do sesquicentenário de seu nascimento, com a realização das conferências do *Curso Varnhagen*, ocorridas em 30 de novembro, 07 e 14 de dezembro.ⁱⁱ Na ocasião foram convidados, dentre os sócios, nomes renomados, à época, da história e literatura como o professor, historiador e biógrafo Américo Jacobina Lacombe, futuro presidente da instituição; o escritor e catedrático de Literatura Portuguesa Thiers Martins Moreira; e o historiador e ensaísta José Honório Rodrigues, pioneiro nas pesquisas sobre história da historiografia no Brasil.

Em sua conferência, Lacombe não deixou de registrar a importância da contribuição de Clado Lessa para as pesquisas em torno da vida e obra de Varnhagen. “Os resultados”, destacou o convidado, “de suas labutas honram as páginas de nossa revista. Identificou-se por tal modo com o biografado, que transpôs para o seu trabalho toda a combatividade, e, quem sabe, bastante do temperamento do terrível e ardoroso polemista” (LACOMBE, 1967, p. 136-137).

O escritor Moreira consagrou sua conferência às contribuições de Varnhagen para a história de literatura portuguesa e brasileira, sendo este uma referência incontestável para os estudiosos. Para além da faceta de “pai da nossa história”, o historiador lançou-se para as veredas do literário, não restringindo apenas “ao ordenamento de fontes que seriam capítulo do que se chama história literária, parte da história maior, onde tem lugar tudo o que a torne mais viva e mais segura” (MOREIRA, 1967, p. 155-156).

Encerrando o ciclo de conferências do Curso Varnhagen, Rodrigues declarou que o autor da *Historia geral do Brazil* havia sobrepujado, em sua época, todos os seus contemporâneos como historiador. Varnhagen continuava a ser desde 1878, ano de sua morte, “o historiador incomparável do Brasil”, poucas mudanças apareciam nos discursos biográficos e bibliográficos (RODRIGUES, 1967, p. 170).

Para o autor de *A pesquisa histórica no Brasil*, Varnhagen conseguiu fazer de forma pioneira simultaneamente a história geral e parcial. Ao fazer um balanço dos autores anteriores ou contemporâneos do visconde de Porto Seguro, o conferencista reiterou a força de sua obra, responsável pela criação no Brasil da “consciência da sua História, no mais largo período da sua formação” (RODRIGUES, 1967, p. 170-171).

O modelo de equilíbrio da obra de Varnhagen era tão emblemático e marcante na história da historiografia, pelas lentes dos biógrafos ligados ao IHGB, que permitiu a Rodrigues sentenciar que ninguém poderia “graduar-se em História do Brasil, sem ter lido Varnhagen”. Profundo conhecedor da história da história do Brasil, sabia que o historiador sorocabano exercia sobre os historiadores brasileiros grande atração, como foi o caso de Capistrano de Abreu. Fazer este tipo de prescrição era em maneira de trazer para o âmbito das discussões acadêmicas a necessidade de ser ler os clássicos. O contato com esses autores, segundo sua análise, seria o caminho para se entender a pergunta “de onde viemos e para onde vamos?”, dando sentido à trajetória intelectual dos historiadores brasileiros.

A preocupação com uma pedagogia da História, presente em Rodrigues, pode ser percebida na dimensão atribuída ao legado de Varnhagen para as futuras gerações e, principalmente, na sua própria consciência do que estava fazendo. Há em sua conferência, embora como exercício crítico, um tom celebrativo, que não poderia ser diferente naquele contexto, em relação aos feitos do “mestre da *Historia geral do Brazil*”, o que explicaria a escrita e reescrita de sua biografia e a obsessão de Capistrano de Abreu, seu grande anotador e crítico.

O autor de *Teoria da História do Brasil*, de certa forma, instituiu no seu enredo da história da historiografia nacional, ao estabelecer periodizações e uma linha evolutiva, a marca da leitura de Varnhagen a partir da ótica de Capistrano de Abreu. Provavelmente este procedimento se justifique pelo fato de Rodrigues ter sido um dos maiores estudiosos da obra de Capistrano de Abreu, inclusive organizando a sua correspondência.

Em relação ao clima das celebrações do sesquicentenário do nascimento de Varnhagen, já sob o regime militar instaurado desde 1964 no Brasil, Vianna lembrou as suas contribuições para a escrita da história do Brasil e os esforços dos seus biógrafos no levantamento de sua grande bibliografia. Varnhagen, segundo o autor, teria suscitado desde sua morte homenagens, preservando sua memória intelectual (VIANNA, 1967, p. 200).

Varnhagen, por este raciocínio, teria ainda lições a oferecer aos novos historiadores, reforçando a retórica do exemplo. Talvez ele servisse de símbolo para a propaganda nacionalista vivenciada pelo Brasil pós-1964, por seu discurso conservador, unitário e centralizador. Ao exaltar o autor da *Historia geral do Brazil*, silenciava-se (in)voluntariamente sobre o destino de muitas vozes e textos discordantes das representações hegemônicas do Brasil.

Segundo Michel Foucault, esta celebração do exemplo seria uma das funções de uma história genealógica tradicional, ou seja, a intensificação do poder.

O exemplo é a lei viva ou ressuscitada; ele permite julgar o presente, submetê-lo a uma lei mais forte do que ele. O exemplo é, de certo modo, a glória feita lei, é a lei funcionando no brilho de um nome. É no ajustamento da lei e do brilho a um nome que o exemplo tem força de – e funciona como – uma espécie de ponto, de elemento pelos quais o poder vai ficar fortalecido. (FOUCAULT, 1999, p. 78)

Não por acaso, em 1972, foi feito o traslado dos restos mortais do imperador D. Pedro I de Portugal para o Brasil em meio às comemorações de sesquicentenário da Proclamação da Independência – um tema muito caro ao historiador sorocabano (cf. SCHIAVINATTO, 2002, p. 92). Entre as tantas festividades oficiais do ano foi inaugurado no dia 05 de setembro o novo prédio do IHGB, situado na região da Lapa, com a presença do presidente da República, o general Emílio Garrastazu Médici – homenageado com uma placa de agradecimento no saguão pelos membros do grêmio. Também foi realizado pelo IHGB o *Curso Sesquicentenário da Independência do Brasil*.

Enquanto o corpo do herói da emancipação, tão exaltado nas páginas da *Historia geral do Brazil*, era repatriado para as comemorações, os ditos subversivos – os questionadores do governo ditatorial – eram perseguidos, silenciados ou sentenciados ao exílio.ⁱⁱⁱ

Não demoraria muito tempo para que o mesmo solo nacional, em que descansava finalmente o emancipador do Brasil, tivesse a companhia daquele que havia escrito nas páginas da história os seus feitos. Em 1978, durante as comemorações do centenário de sua morte, os restos mortais Varnhagen retornariam para a sua pátria de nascimento e também de opção. Estes ilustres mortos, apropriados pelo discurso ufanista dos novos donos do poder, poderiam respaldar e mascarar uma realidade marcada pela repressão e censura.

1978 foi o ano da publicação pela Companhia Melhoramentos de São Paulo da edição comemorativa da *Historia geral do Brazil*, e da realização da Exposição comemorativa do centenário de morte – *Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto Seguro (1816-1878)*, organizado pela Seção de Promoções Culturais da Biblioteca Nacional. Nesta exposição, uma série de documentos referentes a sua vida e obra foi apresentada ao público como forma de saudar o primeiro centenário de sua ausência. Varnhagen emergia como um historiador-monumento, fragmentos de sua existência eram elencados numa ordem discursiva constituindo um homem-arquivo, uma vez que seus rastros foram ao longo de um século buscados pelos seus seguidores, biógrafos e estudiosos – sempre com o desejo de completar o mosaico de múltiplas peças do seu retrato, perfil, numa ilusão biográfica (cf. BOURDIEU, *in*: FERREIRA; AMADO, 2006, p. 181-191).

Livros, correspondências, edições críticas, traduções, introduções e notas, condecorações entre outros documentos arrolados, a partir das escolhas e interesses daquele momento, faziam aparecer o historiador-obra-monumento da nação. Varnhagen, homenageado em retratos, salas, ruas, praças, biografias e exposições, incorporava valores, idéias e projetos de história, memória e nação, definidos pelo IHGB.

A *Revista* do IHGB, um dos lugares de memória privilegiado da sua atividade intelectual e dos textos biográficos sobre sua vida e obra, para celebrá-lo registrou nas atas de suas sessões dos meses de julho e agosto a realização das conferências de renomados sócios em sua homenagem. Entre os convidados para as sessões comemorativas do centenário da morte do visconde de Porto Seguro estavam o desembargador José Gomes Bezerra Câmara, com a palestra *Varnhagen, o homem e o historiador*; o historiador José Honório Rodrigues, com a conferência *Varnhagen, Visconde de Porto Seguro*; o engenheiro-arquiteto e catedrático Paulo Ferreira Santos, com a exposição *Varnhagen crítico de arte*; e o historiador e presidente do grêmio, Pedro Calmon, com a apresentação *Varnhagen e sua obra* (Atas das Sessões do IHGB em 1878, RIHGB, 1978, p. 313-319).

Em 1978, como foi observado, os despojos de Varnhagen finalmente retornavam do longo exílio para o lugar de seu nascimento, a sua origem. As comemorações em Sorocaba, segundo Fleury, tiveram seu ponto culminante com a vinda da urna, que foi depositada no pedestal do monumento feito em sua memória (FLEURY, citado por Atas das Sessões do IHGB em 1978, RIHGB, 1978, p. 316-317).

Sorocaba e o Brasil, por este raciocínio, tinham finalmente homenageado seu ilustre historiador. Haveria, além dos discursos, das exposições e biografias, a sepultura-monumento para lembrar o morto, perpetuando sua memória e do seu lugar de origem. Era o final perfeito da cronologia biográfica, publicada por Fleury para as comemorações do primeiro centenário da morte do historiador “natural de Sorocaba” (cf. FLEURY, 1978).

1978 era o ano o centenário da morte do visconde de Porto Seguro, mas também do fechamento de um ciclo de recordações e início de outro, dessa vez marcado pelo contexto da profissionalização da História – mesmo sob a presença da ditadura militar em franco processo de desestabilização e questionamentos – com o fortalecimento dos programas de pós-graduação no país e desenvolvimento das pesquisas acerca da historiografia brasileira.

Biógrafos do perfil de Clado Lessa e Fleury dedicaram anos de suas vidas em busca de fragmentos deixados pelo morto como se fossem verdadeiras relíquias. Queriam garimpar a verdade, a essência do Varnhagen e ao fazê-lo inventaram cada um o seu Varnhagen, crendo que era o verdadeiro, o real. Eles desfizeram o novelo da sua existência, esticando a linha da

vida do nascimento à morte, ou melhor, à imortalidade. Com suas cronologias procuraram cristalizar verdades sobre a sua trajetória, feito a partir da costura de documentos, tentando forjar “um todo, um conjunto coerente e orientado” (BOURDIEU, in: FERREIRA; AMADO, 2006, p. 184). Segundo Regina Abreu, nesse processo de cristalização de verdades da vida do sujeito estabelece-se

o ano e o local corretos do nascimento, as principais viagens, os encontros amorosos, os filhos, os lançamentos das principais obras, as mudanças marcantes no âmbito profissional (valorizando-se principalmente aquelas que denotam conversões à atividade que consagrou o biografado). As cronologias, uma vez estabelecidas, passam a ser tomadas como referências. Elas fornecem a base para outros tipos de relatos que enfocam um período da vida da pessoa ou uma atividade por ela exercida. É bem verdade que as cronologias estão sempre sendo construídas e que algumas datas imprecisas ou eventos duvidosos podem gerar debates que se estendem por anos. (ABREU, 1994, p. 209-210)

Discorrer acerca desses construtores de memórias autoriza a indagação da razão de dedicarem anos a fio a um personagem como o visconde de Porto Seguro? A resposta possível dentre tantas pode ser a esboçada por Jean Orioux: consagra-se esse tempo porque ele agrada, interessa, diverte, comove, “pelos seus méritos, pelos seus triunfos, pelas suas misérias, pelas suas grandezas e, até, pelos seus defeitos e, por vezes, pelos seus vícios. É preciso suportar tudo: uma biografia é um casamento” (ORIEUX, in: DUBY et. al., s.d., p. 44-45).

Por algum motivo os fragmentos da existência de Varnhagen instigaram o desejo por sua história e a posse simbólica de sua memória. O dever de ofício como orador do IHGB, para Macedo; a vontade de superação, por parte de Capistrano de Abreu; a defesa do lugar de autoridade no momento da consagração, para Oliveira Lima; a devoção e a paixão de Clado Lessa; a necessidade de uma pedagogia da história, para Rodrigues; o compromisso de uma nova edição, por Garcia e Vianna; a origem comum – ser sorocabano –, Fleury; a tarefa de cuidar do *status* da agremiação como casa da memória nacional, pelos seus guardiões. E quem sabe a curiosidade, a vontade de lidar com aquele que nos soa tão distante e tão próximo ao mesmo tempo.

Não cabe aqui discernir o mais verdadeiro nesta empreitada, mas entender a partir do seu *locus*, das suas experiências, de seus métodos e escolhas como fabricaram o Varnhagen desejado, percebendo os fios das tramas biográficas no processo de enquadramento da memória (POLLAK, 1989, p. 10). Enfim, como se propôs neste capítulo, analisar os sujeitos históricos e instituições envolvidos no processo de invenção da imagem de Varnhagen como *pai da história do Brasil*.

Referências bibliográficas:

- ABREU, J. C. Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. *In: Ensaios e Estudos* (Crítica e História). 1ª série, 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 81-91.
- _____. Sobre o Visconde de Porto Seguro. *In: Ensaios e Estudos* (Crítica e História). 1ª série, 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 131-145.
- ABREU, R. Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados. *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 07, n. 14, p. 205-230, 1994.
- BENJAMIM, W. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro. *Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto Seguro, 1816-1878*. Catálogo da exposição comemorativa do centenário de morte, organizado pela Seção de Promoções Culturais. Rio de Janeiro: BN, 1978.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. *In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). Usos e abusos de história oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006, p. 181-191.
- FLEURY, R. S. *Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro ("Natural de Sorocaba")*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1978
- _____. *Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto Seguro, "Paulista de Sorocaba"*. Ensaio Bibliográfico (...). São Paulo: Melhoramentos, 1952
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GARCIA, R. Appenso Ensaio Bio-bibliográfico sobre Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto-Seguro. *In: VARNHAGEN, Francisco Adolpho de, Visconde de Porto Seguro. História Geral do Brasil antes de sua separação e independência de Portugal*. 3 ed. integral, tomo II, São Paulo: Editora Melhoramentos, 1928, p. 436-452.
- GONÇALVES, J. F. Enterrando Rui Barbosa: um estudo de caso da construção fúnebre de heróis nacionais na Primeira República. *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 14, n. 25, p. 135-162, 2000.
- GONTIJO, R. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. 2006. Tese de Doutorado (História), Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- IHGB. Atas das Sessões do IHGB em 1978. *In: RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 321, p. 311-330, out./dez. 1978.
- LACOMBE, A. J. As idéias políticas de Varnhagen. *In: RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 275, p. 135-154, abr./jun. 1967.

- LESSA, C. R. Vida e obra de Varnhagen. *In: RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 223, p. 82-297, abr./jun. 1954.
- _____. Vida e obra de Varnhagen (continuação do número anterior). *In: RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 224, p. 109-315, jul./set. 1954.
- _____. Vida e obra de Varnhagen (continuação do número anterior). *In: RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 225, p. 120-293, out./dez. 1954.
- _____. Vida e obra de Varnhagen (continuação do número anterior). *In: RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 226, p. 03-168, jan./mar. 1955.
- _____. Vida e obra de Varnhagen (continuação do número anterior). *In: RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 227, p. 85-236, abr./jun. 1955.
- LESSA, P. (sem título – elogio a Francisco Adolfo de Varnhagen, pronunciado na Sessão Solenne Especial, em 17 de fevereiro de 1916, comemorativa do centenário do nascimento do Visconde de Porto Seguro). *In: RIHGB*. Rio de Janeiro, tomo 80, p. 614-666, 1917.
- LIMA, M. O. Francisco Adolpho Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. *In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo, vol. 13, p. 61-91, 1908.
- MACEDO, J. M. (orador). Discurso na Sessão Magna Aniversaria do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no dia 15 de dezembro de 1878. *In: RIHGB*. Rio de Janeiro, tomo 41, p. 471-506, 1878.
- MAGALHÃES, B. (relator). Relatório da comissão nomeada pelo Presidente do Instituto Histórico e Geográfico, para examinar e coordenar a obra manuscrita e inédita do Visconde de Porto-Seguro, intitulada “História da Independência”, reproduzido em A publicação da “História da Independência” do Visconde de Porto-Seguro, pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *In: RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 173, 1938, p. 05-21.
- MAGALHÃES, B. Discurso – Sessão Comemorativa do 50º Aniversario do Falecimento de Francisco Adolpho de Varnhagen (Visconde de Porto Seguro) – realizada em 29 de junho de 1918. *In: RIHGB*. Rio de Janeiro, tomo 104, vol. 158, p. 890-975, 1928.
- _____. *Francisco Adolpho de Varnhagen – Visconde de Porto Seguro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928.
- MOREIRA, T. M. Varnhagen e a história da literatura portuguesa e brasileira. *In: RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 275, p. 155-169, abr./jun. 1967.
- MOTA, C. G. (org.). *1822: Dimensões*. 2 ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986.
- PEREIRA, D. M. *Descobrimientos de Capistrano: A História do Brasil “a grande traços e largas malhas”*. 2002. Tese de Doutorado (História), Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

ORIEUX, J. A arte do biógrafo. In: DUBY, G. et. al. *História e Nova História*. 3 ed. Lisboa: Teorema, 1986, p. 33-45.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 02, n. 03, 1989, p. 03-15.

RIBEIRO, R. R. “Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade”: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da idéia de Brasil Colônia no Brasil Império. 2009. Tese de Doutorado (História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

RODRIGUES, J. H. Varnhagen, mestre da História Geral do Brasil. In: *RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 275, p. 170-196, abr./jun. 1967.

_____. Varnhagen. O primeiro mestre da historiografia brasileira (1816-1878). In: *Revista de Historia de America*, México, n. 88, p. 93-122, jul./dez. 1979.

SCHIAVINATTO, I. L. A praça pública e a liturgia política. In: *Cadernos Cedes*. Campinas, vol. 22, n. 58, p. 81-99, dez. 2002.

VIANNA, H. Sesquicentenário de Varnhagen. In: *RIHGB*, Rio de Janeiro, vol. 275, p. 197-200, abr./jun. 1967.

_____. Singularidade de um historiador [A propósito da 7ª edição integral da *História Geral do Brasil* e da 5ª edição da *História da Independência*, de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro]. In: *RIHGB*. Rio de Janeiro, vol. 264, p. 354-372, jul./set. 1964.

VIEIRA, C. *Varnhagen: o homem e a obra*. Rio de Janeiro: Álvaro Pinto Editor, 1923.

Notas

ⁱ Este texto, com as devidas modificações, corresponde a parte do primeiro capítulo da tese de doutoramento em História, defendida do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Celso Miceli. (Cf. RIBEIRO, 2009).

ⁱⁱ Os textos originais das conferências foram publicados na *RIHGB* no ano seguinte, no volume 275, junto com a transcrição do artigo *Sesquicentenário de Varnhagen*, de autoria de Hélio Vianna, extraído do Suplemento Literário do *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, a 29 de maio de 1966.

ⁱⁱⁱ No ano de 1972, no âmbito das universidades, foi realizado um debate acerca dos significados da independência do Brasil, criticando visões tradicionais sobre o evento na história política do país. As contribuições dos historiadores participantes, no evento *A independência do Brasil: um debate*, foram organizadas e publicadas por Carlos Guilherme Mota, na coletânea *1822: Dimensões*.